

CARTA DE ALFORRIA DO CAMPONÊS



DO DEPUTADO
FRANCISCO JULIÃO
EM VERSOS DE
RAFAEL DE CARVALHO



EDITORA JOTAPÉ

0240

CARTA DE ALFORRIA DO CAMPONÊS

[Handwritten signature]
10/1963

CARTA DE ALFORRIA DO CAMPONÊS



DO DEPUTADO
FRANCISCO JULIÃO
EM VERSOS DE
RAFAEL DE CARVALHO



ÍNDICE

I — A UNIÃO	5
II — OS CAMINHOS	13
III — A LIGA	16
IV — O SINDICATO	21
V — A COOPERATIVA	29
VI — UMA LEI HUMANA E USTA	36
VII — O VOTO PARA O ANALFABETO	52



I — A UNIÃO

Meu querido Pernambuco,
Berço de tantas riquezas!
Plantaste a flor da esperança...
— Tuas Ligas Camponesas!
Do teu solo hospitaleiro
Quero falar por inteiro
Ao camponês brasileiro
De tôdas as redondezas!

Matas a fome dos outros
Entretanto passas fome.
Plantas o milho, o feijão,
Mas quem não planta é quem come.
Não tens escola nem nada,
— Tua careta é a enxada,
Que a tua mão calejada
Não sabe assinar o nome.

Tu dás esmolas à igreja
E ela te pede paciência!
Em nome de Jesus Cristo
Pede a tua obediência
Ao dono da propriedade.
Diz que êle age com bondade,
Com amor, urbanidade,
Compreensão e clemência.

Vou escrever-te uma carta
Na mais santa intimidade.
Que ela chegue às tuas mãos
Com carinho e brevidade.
Trabalhas de seis a seis,
De sol a sol, mês a mês,
Pra enriquecer o burguês
Que passeia na cidade.

És tu quem planta o algodão
E não tens o que vestir.
Dás soldados pra nação
E êles vêm te perseguir.
Dás o capanga malvado
Que anda com rifle do lado
Que o patrão excomungado
Manda para te seguir.

Mao Tse-Tung está vivo
E te abraçou como irmão,
Libertando tôda China
Da cruel escravidão.
Fidel Castro, teu amigo,
Também caminhou contigo
Escorraçando o inimigo
Que lhe oprimia a nação.

Nos recantos mais distantes
Onde te encontres, perdido,
O brado de Julião
Tem que por ti ser ouvido.
Ele diz sem pabulagem
Que para levar vantagem,
O camponês, na viagem,
Tem que marchar sempre unido

Canaviais do Nordeste
E cacauais da Bahia,
Abrigarão sob as fôlhas
Essa carta de alforria
Camponeses e operários
Farão os reacionários
Do campo, mais salafrários
Baixar noutra freguesia!

Mas tu sabes, camponês,
Que Cristo era um rebelado.
Pois lutando pelos pobres
Foi prêso e crucificado.
E São Francisco de Assis,
Lá na Itália, o povo diz,
Que sofreu mas foi feliz,
Porque lutava ao teu lado.

Camponês dêste Brasil,
Ouve com muita atenção.
Esta carta tem que ser
Decorada, meu irmão!
Encosta um pouco as enxadas,
E grita pelas quebradas:
“Estas linhas mal traçadas
‘traz a voz de Julião”

Sob as selvas do Amazonas,
Babaçú do Maranhão,
Carnaúbas do Ceará
E até debaixo do chão,
Ouviremos sem cessar
Nos terreiros, ao luar,
O camponês soletrar
A carta de Julião.

Se vives nos arrozais
Do São Francisco gigante,
Ou na região dos pampas,
No recanto mais distante.
Se és camarada ou posseiro,
Se és tangerino ou vaqueiro,
Pára um pouco companheiro...
— Lê esta carta um instante.

Com ela abrirás caminho
Aos teus irmãos atrasados.
Vai às usinas de açúcar,
Aos engenhos, aos roçados.
E fala sem sutilezas,
Que da opressão, das tristezas,
Só nas Ligas Camponêsas
Todos serão libertados!

O latifúncio é cruel!
Usa polícia e capanga
Contra o pobre que se exalta
Revoltado contra a canga
Que êle bota no cristão
Fazendo-o de boi ladrão!
Que é comprar no barracão
E andar descalço e de tanga!

Lá no Sul, dos cafezais,
Bandeiras rubras se agitam,
Nas urupembas nervosas
E vozes quentes recitam:
“Vem meu irmão de outros lados!
Marchemos de braços dados,
Que depois de organizados
Os coronéis não apitam”.

Se estás de papo amarelo
Lutando contra o grileiro,
Se estás de enxada na mão
Tapando algum formigueiro,
Toma esta carta na mão,
— Ela é o teu lampião,
O teu facho, o teu murrão,
Teu fifó, teu candieiro.

A caminhada é penosa,
Cheia de muitas ciladas,
Por isso é bom conduzíres
Sempre as foices afiadas.
O latifúncio te aperta
Mas tua vitória é certa!
— Estrela d'alva encoberta
Nas núvens das madrugadas!

Ameaça pôr abaixo
O teu casebre acanhado.
Te chama de comunista,
De cabra besta e safado.
Pra completar a intriga
Diz que assim Deus te castiga
E serás excomungado.

Se te chama de compadre
E te trata com carinho.
Entrando na tua casa
Com cuidado, de mansinho,
E' cobra que traz veneno.
Tá preparando o terreno
Pra pegar o passarinho.

"Compadre, êste sendo eleito.
Tudo aqui vai melhorar.
A vida assim como vai
Não pode continuar
E é preciso um candidato
Que nos defenda de fato,
— Isto precisa mudar!"

Teu inimigo se elege
Usando de inteligência
E se êste processo falha
Ele usa de violência.
Procura te amedrontar,
Com astúcia te enganar,
Te esgotando a paciência.

Pode haver maior castigo
Que morar na terra alheia?
Comendo farinha sêca
Com rapadura na ceia?
Falar de Deus, de bondade,
Falar de amor, liberdade,
Mas te botar na cadeia?

Se te oferecem remédio
E algum dinheiro emprestado,
Aguarda que tu verás
Muito cedo o resultado:
"Compadre, amigo é amigo,
Você vai votar comigo,
Num homem do nosso lado". //

E de fato, a nossa vida
Hoje em dia está mudando.
A Liga é a estrela fulgente
Na escuridão, nos guiando.
Já sabemos, com certeza,
Quem nas costas da pobreza
Vive a locê, governando.

E se o homem foi eleito
Deputado ou Senador.
O pobre vai procurá-lo
Assim, com certo temor...
Lá, êle vendo o coitado
Fala pro guarda do lado:
"Tem cara de agitador". //

E aquêlo voto foi dado
Para mudar... não mudou.
Pensavas em melhorar...
— Tua vida piorou.
E agora no teu roçado
Tôda hora tem soldado
Que o latifúndio mandou.

Os anos vão se passando
E tu vais envelhecendo.
A vida ficando preta,
Teu cabelo embranquecendo.
O latifúndio engordando,
Teu bucho vazio inchando,
Tua esperança morrendo.

Mas tu precisas mudar:
Virar brabo, ser valente.
Afiar o teu machado,
Trincar a faca no dente,
Formar bando ou batalhão
E gritar: "Viva a união
Da pobreza, minha gente"!

A rama da gitirana
E' fácil de se quebrar,
Mas muitas ramas unidas
Ninguém pode arreventar:
Pode prender-se um cristão,
Mas prender a multidão
E' querer secar o mar.

Sózinho és um pingo d'água
Que se desmancha no chão.
Serás rio caudaloso
Quando unido ao teu irmão.
A Liga é tua represa
Que estourando, a correnteza
Vai libertar o sertão.

A união faz a força
Para a represa estourar.
—Volume d'água crescendo
Pra depois se libertar!
E' a justiça chegando,
A Liberdade cantando:
"Vamos nos organizar"!



II — OS CAMINHOS

Amplios e claros caminhos
Levam-te à felicidade:
Escolas para os teus filhos,
Terra, pão e Liberdade.
Depois poderás cantar:
Só quero paz no meu lar,
Saúde e prosperidade!

Liberdade é ter um pouco
De terra para plantar.
E' ter casa, ter remédio,
Ter as doçuras de um lar.
Porisso é bom repetir:
"Unidos para exigir
Terra para trabalhar".

Vai chamando os teus irmãos
Que queiram marchar contigo.
No começo serão poucos,
Tementes de algum perigo.
Depois será multidão
A mostrar que a união
E' seu verdadeiro abrigo.

Como vais à festa, à missa,
Ao enterro, à eleição;
Como vais fazer a feira,
Como vais à procissão;
Deves ir a convidar
Os que desejam entrar
Nas colunas da união.

Forma esta União agora
Que ela é mãe da Liberdade!
Ela ilumina os caminhos
Da tua felicidade!
E no teu itinerário
Contarás com o operário
Que é teu irmão da cidade.

Os caminhos que ela aponta
Vão para um mesmo lugar.
E que caminhos são esses
Por onde deves trilhar?
Tôda massa camponêsa
Deve saber com clareza
Por onde vai caminhar.

Primeiro: a Democracia
E segundo: o sindicato
Terceiro: a cooperativa
E quarto: uma lei de fato.
— Lei humana, justa e boa
Que não confunda a pessoa
Com qualquer bicho do mato.

Agora, o quarto caminho
Com cuidado vamos ver.
E' que só pode votar
No Brasil, quem sabe ler.
Então devemos lutar
Pro analfabeto votar
Naquêle que merecer.

Eis aqui tua esperança
Minha gente camponêsa,
Que será no teu espirito
Uma lamparina acesa!
— Ela no teu coração
Há de se abrir num clarão
Te dando mais fortaleza.

A luz no teu coração
Espanta a sombra do medo.
Ser valente não é nada
De mistério ou de segrêdo.
Tendo a razão do teu lado,
Nem capanga, nem soldado,
Te fará cair no breido.

III — A LIGA

Qual é a Democracia
Que interessa ao camponês?
E' retirar o soldado
Da sua porta de vez.
E' desarmar o capanga
Que vive a fazer munganga,
Arrotando estupidez.

E' o primeiro caminho
Por onde temos que ir.
Nem polícia, nem capanga
Devem mais nos perseguir.
Questão de terra entre a gente,
A justiça certamente,
E' quem deve decidir.

A polícia e o capanga
Vivem sempre a te espancar.
Não respeitando os teus filhos
E violando o teu lar.
Tua justiça ou direito
E' cacete no peito
E ir na cadeia morar.

Nosso primeiro caminho
E' acabar com tudo isso.
E' ver êsses malfeitores
Do campo levar sumiço.
E' vê-los correr em bando
E a gente atrás castigando,
Bem em cima do totiço.

O regime de cambão
Em São Paulo está presente.
— São Paulo — grande vagão
Cheio de ouro e resplendente!
E cada Estado mais pobre,
E' machambumba de cobre
Que o empurra para a frente.

O regime de cambão
E' pagar arrendamento
E dar um dia de graça,
A sêca, sem alimento.
Vem desde a Escravidão
E no livro do escrivão
Até hoje tem assento.

Temos também que acabar
Com a terça e com a meia.
— São atrazos no caminho
Nos prendendo como peia.
A falar em liberdade
Ante tanta iniquidade
Quem merece ir pra cadeia?

Quem não sabe o que é a têrça?

— A palavra já desvenda:
Tens que dar a têrça parte
Para o dono da fazenda,
De tudo que tu plantaste,
Que colheste, que criaste,
Em pagamento de renda.

A meia, é partir em gôtas
O teu suor pelo meio.
— Não pode haver maior furto
Em qualquer trabalho alheio.
Não pode haver neste mundo,
Um sistema mais imundo,
Mais imoral e mais feio.

O vale do barracão
Também tem que se acabar.
O vale de um latifúndio
Não vale noutro lugar.
Ele te tira a camisa,
Te individa, te escravisa,
E nunca o podes saldar.

Compras lá os rebutalhos
Que a cidade devolveu.
Aquêles que nem o cão,
De tão ruins, não comeu.
No final, compras mais caro
E o teu patrão isto é claro,
No teu lombo enriqueceu.

E o teu dia de dez horas
E de doze de trabalho?
Pois pegas de madrugada
Molhando as pernas no orvalho,
Até quando os passarinhos
Já voltam para os seus ninhos
E o rico veste agasalho.

E a vara de doze palmos
Que cresce na medição?
Onde o cabra vai pulando
Sem encostá-la no chão
Pra roubar o desgraçado?
Pois quem mede é um safado
Puxa-saco do patrão.

Contra os aumentos de fôro
Lutemos sem desengano.
Que sobe de dois pra quatro
E mais, de ano pra ano.
Indo de cinco pra dez,
Mostrando mais um revés
Dêsse regime tirano.

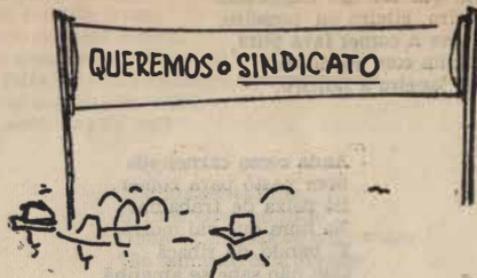
Há muito que já passou
O tempo da escravidão,
E já estamos cansados
De viver na sujeição.
Agora, a nossa cantiga
E' assim: vamos pra Liga
Lutar com disposição.

A Liga é a cachoeira,
Nós — o inverno pesado.
Vai chover chuva de gente!
— Vai ficar tudo alagado.
Água de gente rolando,
E o latifúndio acabando
Morrendo todo afogado.

A Liga é o Rio Amazonas,
As águas, — são a pobreza
E ai daquê! que vier
Contra a nossa correnteza!
Seria um ato imprudente
Querer parar de repente
Qualquer lei da natureza.

A Liga é a lei do povo
Lutando por Liberdade!
Não é coisa que se impunha,
— E' uma necessidade.
Portanto, venha o posseiro,
O parceiro e o foreiro
Entrar nela com vontade.

Ela é o guia estradeiro
Marchando na noite escura.
E' a luz que nós estávamos
Há muito tempo à procura.
Com ela na nossa frente,
A justiça irá presente
Na caminhada segura.



IV — O SINDICATO

Outro caminho pra gente
Ser tratado como igual.
E' fundar por tôda parte
O Sindicato Rural.
Merece uma explicação
Como esta organização
Se faz, de um modo geral.

Todo mundo que trabalha
Que sofre e não se organiza,
E' condenado a morrer
No fim da vida, de brisa...
Chega à velhice sem nada,
Como uma coisa jogada,
Onde todo mundo pisa.

No campo, quem não é rico,
Coronél, ou fazendeiro,
Tem que ser um explorado:
Foreiro, eiteiro ou posseiro.
— Vive a comer fava pura,
Farinha com rapadura
E de janeiro a janeiro.

Anda como carneirada.
Sem pasto para comer.
Só deixa de trabalhar
Na hora que vai morrer.
E' bando de ribaçã
Que não sabe se amanhã
Tem um lago onde beber.

Como andarilho sem rumo
Corre o Brasil, lado a lado
E deste pôsto não passa:
"Trabalhador alugado".
Feriado ou dia santo,
E' gente por todo canto
De enxada, foice e machado.

Tu morres antes do tempo,
De fome, verme e cansaço.
Teu Instituto é cadeia
E bofetão no cachaço.
Teu repouso, é chão imundo
De um hospital vagabundo
Que te transforma em bagaço.

Tua carta de ABC,
Uma enxada jacaré
De duas libras e meia
Que quando te corta o pé,
Na falta de outra mezinha,
Curas com sal de cozinha
Ou senão pó de café.

Tua aposentadoria
E' uma cova no chão
Onde as minhocas conversam:
"Só tem ôsso êsse cristão".
Govêrno vem outro vai,
Mas a pobreza não sai
Da mesma situação.

Não sobra tempo pra nada,
Nem hora pra descansar.
A fome na tua porta
Vem sempre te despertar.
Só encontras um caminho:
E' virar tetéu sem ninho,
E trabalhar! Trabalhar!

Viras escravo de dia
E escravo à noite também.
O salário não dá mais
E tempo melhor não vem.
Depois, vem aquela história:
"Já fui forte, tive glória,
Mas hoje não sou ninguém"

Se estás dormindo és escravo
E és também quando acordado.
Porque quando sofres fome
Sofre o teu filho do lado.
E fitas a terra imensa...
Tua cabeça não pensa!
— És um deus acorrentado!

E quando o teu filho morre
Tu já não sentes mais dor.
Tu não tens mais coração
Tens outra coisa que for...
— Uma fruta de cardeiro
Que caiu no taboleiro
Virou carvão no calor.

Caminho de sofredor
Que já não sabe chorar,
E' convidar seus irmãos
Pra se sindicalizar
E botar na direção
Quem pregar que a união
E' quem vai te libertar!

O Sindicato é o quartel
De quem trabalha alugado!
Escoia onde a gente aprende
A lutar organizado,
O operário tem o seu,
Mas antes lutou, sofreu,
E agora fala rasgado!...

Tu não tens o teu ainda.
Quando tens, êle não voga.
Quando um "doutor" autoriza
Vem outro e diz: isto é droga!
Mas no dia em que a moçada
Caminhar qual enxurrada
Tôda essa gente se afoga.

O latifúndio não quer
E o govêrno não deixa,
Porque lá no Sindicato
Podes levar tua queixa.
Se o latifúndio governa,
A Casa Grande é a caserna
Onde êle o poder enfeixa.

Se fundas um Sindicato
Vem a policia pra perto.
Não querem que lutes limpo,
Dentro da lei, peito aberto,
E te chamam de bandido
Pra lutes escondido,
E sêres prêso, por certo.

Depois vão dizer ao padre:
Reverendo tire a vista,
Que o Sindicato Rural
E' obra de comunista!
E o padre sai se benzendo
Olhando pra trás e vendo
Satanás na sua pista.

Mas há padre corajoso
Que se salva nêsse meio.
Então vem pro nosso lado,
Perdendo o mêdo e o receio
E certo da realidade,
Vem dizer que a Liberdade
E' da justiça o esteio.

Tem o círculo operário
(Mas, operário Católico).
Onde o padre diz: "o resto
Que não fôr êste, é exótico".
E espalha a confusão
Na cabeça do cristão
Tornando tudo caótico.

Não luta por Liberdade
E fala muito de fé.
Se te acende uma velinha,
Acende um maço no pé
Do latifúndio amojado
De mamar por todo lado
Recebendo cafuné.

E quando a polícia vem
Mas resolve recuar,
Muito padre perde o mêdo
E resolve te ajudar...
E eis que surge um espantalho:
Ministério do Trabalho
Sòmente pra atrapalhar.

Aí o tempo se fecha!
E' gente pra todo lado.
Senador pega avião,
Conversa com Deputado,
E na porta do Ministro
Aquêlo grupo sinistro
De manhã tá lá plantado.

São êles os espoletas:
Dos coronéis millionários,
Foste tú quem elegeste
Êsses grandes salafrários!
Falam de paz social,
De corrupção, coisa e tal,
Grupos revolucionários...

Quando a conversa termina,
De wisky tudo esquentado,
Num caderninho de bôlso
Já levam tudo anotado.
Depois dêsse acontecido,
Podes dizer convencido:
"Vêm mais capanga e soldado!"

Depois o senhor Ministro
Aquele grupo se atrai
E à casa do Senador
Ou Deputado êle vai.
E lá também sai bebida,
Conversa e muita comida..
Mas Sindicato, não sai.

Não saindo o Sindicato
O resto fica parado.
Também não sai o repouso
Semanal, remunerado.
— Salário Mínimo pára,
E a luta que começára
— Tudo fica para o lado.

Depois, desta exposição
Tu já sabes com certeza
Qual deve ser o caminho
De quem vive na pobreza
E' aprender a votar,
E' se unir, se organizar,
E' se tornar fortaleza!

Ou se largares a foice
E tudo com brevidade,
Abandonando o trabalho
Numa greve, com vontade
Ir dez, cem, mil, um milhão...
Todo mundo, — a multidão
Em direcção à cidade!

Como rios caudalosos
Desembocando do mato
Gritem todos pelas ruas:
QUEREMOS O SINDICATO!
Padre, o juiz de direito,
O delegado o prefeito,
Vão ouvir o teu relato.

E' este o melhor caminho
De teres com brevidade
Um Sindicato que lute
Pela tua Liberdade.
Vou contigo companheiro,
Que eu também sou viajero,
Buscando a felicidade!...

V — A COOPERATIVA

Tem o terceiro caminho
Que agora vou te mostrar.
E' êle a Cooperativa.
Que é isso? Eu vou te explicar.
Cooperativa... é dizer
Que ninguém deve viver
Ao léu sem se organizar.

Um deve lutar por todos
E todos lutar por um.
Nela não tem olho grande
Como urubu em jejum,
Nela o grande proprietário
Ou o latifundiário
Não tem interesse algum.



Ao pequeno proprietário,
Ao foreiro e ao posseiro,
E' ela o caminho certo,
Mais certo e mais verdadeiro.
E' contra o atravessador,
Que no suor do lavrador
Vive nadando em dinheiro.

Ao médio proprietário
Ela protege também.
Só o latifundiário
Nela não vai se dar bem.
Pois nela deve se unir
Quem vive de produzir,
E não explora ninguém.

Julião deixa bem claro
Aquí o seu pensamento.
E diz que a cooperativa
E' contra o isolamento.
Vamos ver, se explicaremos
Dêle, o que nós aprendemos
Com clareza, cem por cento.

Existem num município
Quinhentos proprietários.
Cada um tendo cem quadros
Que por interêsses vários
Quase esmpre estão ligados.
São êles que são chamados
Os médios proprietários.

De cem quadros para baixo!
(Pra cima, é fora do caco).
Pois quem tem terra de mais
Vai ver, que está no suvaco
Dos grandes proprietários
Ou dos latifundiários,
— Farinha do mesmo saco.

E como se forma um quadro?
Será melhor te explicar,
Tem 75 metros
Cada aceiro regular.
75, quadrado.
Que pode dar um roçado
Para um pobre trabalhar.

Se tem mil proprietários
De vinte quadros pra menos,
Também são considerados
Proprietários pequenos.
Em termos mais literários...
Pequenos proprietários,
Donos de poucos terrenos.

Os ditos, supra-citados
Juntam-se então aos foreiros.
Digamos... uns cinco mil...
Podem ser também rendeiros,
E então uma força viva
Formam a cooperativa,
Como fiéis companheiros.

Existe uma lei mostrando
Tudo isso como se faz.
Fundar a Coopertiva
E' vencer a Satanas.
— O latifúndio é um morcêgo,
— Tira-te o sangue, o sossêgo,
Neg^a-te um lar — tua paz.

Dentro da Cooperativa
Defenderás o que é teu.
O teu pedaço de terra,
O produto que ela deu.
— Lá do seu mundo de terra,
O latifúndio faz guerra,
Até tornar tudo seu.

Teu café, milho, banana,
Tua bola de algodão.
Teu arroz, tua farinha,
— Tudo que tiras do chão.
Se não tens quem te defendas,
E' certo que a tua renda
Vai para mão do intrujão.

Entras na Cooperativa,
Como sócio... e é sòmente
Pagares alguns trocados
Que podem ser mensalmente...
— E' uma mensalidade
Tão baixa, que na verdade,
A tua bolsa não sente.

E isto vai te evitar
Sérios aborrecimentos.
Como seja o agiota
Que empresta cem por duzentos,
E o atravessador,
— Elemento explorador —
Que não tem mais sentimentos,

Esse atravessador, faz
O preço do teu produto.
Enrica do teu trabalho,
E' mau, safado e corruto.
Depois leva na chicana:
"E' um negócio bacana
Comprar na mão do matuto".

A Cooperativa pode,
Também comprar caminhão
Que leve até à cidade
Tôda a tua produção,
Cobrando um frete barato,
Que te proteja de fato
Contra tanta exploração.

Ela pode fornecer
Instrumentos de trabalho,
O inseticida, o adubo,
Sementes, cebolas, alho.
Tudo por preço marcado
Sempre abaixo do mercado
E sem nenhum atrapalho.

Também a Cooperativa
Deve ter um engenheiro
Que estudou agronomia
E seja um bom companheiro,
Para vir nos ensinar
Um meio de transformar
Um grão de arroz num milheiro.

Também na Cooperativa
E' necessário botar
Um doutor em medicina
Que trate de nos curar.
Ter também um advogado
Que esteja do nosso lado
Pra na justiça brigar.

Deve ter um professor,
Paciente e preparado,
Pra gente ver todo mundo
Em pouco tempo letrado.
Depois... é só lavrador
Estudando pra doutor,
Se elegendo a Deputado.

A Cooperativa acaba
Com o nosso isolamento.
— Vai ser uma vida nova
Cheia de contentamento.
Cooperativa é união!
Esperançosa visão
Da terra em florescimento.

E' todo mundo por um
E é um por todo mundo!
Pode haver coisa mais bela
De sentido mais profundo?
A União, na verdade,
E' a mãe da Liberdade
No sentido mais fecundo!

Portanto vamos falar
De forma bem incisiva:
Nós não mais queremos ser
Do campo, gente cativa.
E viva a Reforma Agrária!
E viva a Classe Operária!
E salve a Cooperativa!

Um clamor virá de baixo
Como se fôra um vulcão!
Crescendo, se avolumando,
Lá das entranhas do chão!
E' a tempestade que passa
Na voz de fogo da massa
Clamando: libertação!

"Eia! Abaixo o latifúndio
E a tirania também!
E pela reforma agrária
Vamos lutar que ela vem!
Depois, com tudo direito,
Nós vamos bater no peito:
"Não sou pesado a ninguém!"

Vêm dar viva à Liberdade
Irmãos do Brasil inteiro!
Que o corpo do latifúndio
Irá tremer por inteiro,
E ao ouvir o nosso grito
Seu coração de granito
Vai derreter-se ligeiro.

Seus ouvidos se abrirão
Ouvindo o nosso clamor
Porque essa fôrça da massa
Tem da queimada o calor.
Tem também a fôrça d'agua
Que estronda de frágua em frágua
Do látifúndio opressor.

Aos galões das nossas águas
Quem se opôr vai afogar.
Precisamos de uma lei
Que venha nos amparar.
Lei que defenda o posseiro,
Contra as garras do grileiro,
Que vive de saquear.

O posseiro pega a foice
E bota a mata no chão,
Enfrentando o béri-béri,
A fome, o frio, a sezão.
Faz a casa, planta a terra
Depois vem fazer-lhe guerra
Essa corja de ladrão.

Quem enfrentou tais perigos
Como antigos bandeirantes,
Quem enfrentou sucuris
E perigos semelhantes,
Seus direitos são sagrados
Contra os grilheiros safados,
Tão cruéis e repugnantas.

Quem constituiu família
E a terra virgem plantou,
Quem viu crescer a lavoura
Que o seu suor adubou,
Este tem que ser o dono.
— Ela estava no abandono.
Foi êle que a conquistou.

O outro que vem depois
De mão fina, anél no dedo,
Roupa de linho, agá jota,
Falando baixo, em segrêdo,
O dente de ouro brilhando,
Título novo, estalando,
Chame de ladrão sem mêdo.

Seu título é fabricado
Pelas mãos de Satanás.
E o que Satanás não fêz
Pode deixar que êle faz
— E' o famoso grileiro,
Salteador, trapaceiro,
Sempre falso e ladraváz.

E quem proteje êsse tipo
Não pode prestar também.
Porque se êle faz um crime
Seu protetor diz: amém.
Portanto, dessa cambada
Não se deve esperar nada,
Pois, não escapa ninguém.

Portanto, nas mãos de quem
A terra deve ficar?
— Nas mãos de quem a trabalha,
Não tem nem que perguntar.
E' no gume do machado
Dêsse posseiro arrojado
Que a terra vai prosperar!

A terra é tua, posseiro,
Que com o suor do teu rosto,
Rasgaste o solo, sofrendo,
Mas corajoso e disposto.
Com lágrimas e bravura,
Sais na manhã inda escura
E voltas com o sol posto.

Quando enfrentás o jagunço
E o capanga do grileiro,
O teu sangue generoso
Vai regar o taboleiro.
Pois não temos os moisés
Lupina, porque não és
Nem ladrão, nem bandoleiro.

A polícia dessa gente
Quando aparece embalada
Para te expulsar da terra,
São soldados, teus irmãos,
Que vão sujar suas mãos
Nessa infeliz empreitada.

Que se apague de uma vez
A nódoa que nos infama:
Maldito seja pra sempre,
Quem o teu sangue derrama!
Que venha o poder celeste
Na voz do papa e proteste
Conta êsse mundo de lama!

E' preciso virar cobra
Posseiros de Cascavél!
Morder o pé do grileiro
E o gogó do coronél.
Pegar sua capangada,
Sua polícia embalada
E fazer sarapatél.

Fique na terra o posseiro
E o grileiro leve a breca,
Nem que o seu título venha
Bonito feito boneca.
O que é preciso fazer,
E' botá-lo pra correr,
Sem camisa e sem cueca.

Enquanto a lei não chegar
Para o pobre do posseiro,
Ele tem que se amoitar
E procurar ver primeiro
O jagunço na emboscada,
Que vem de bolsa estufada
De dinheiro do grileiro.

Tendo o seu papo-amarelo
E um cunhete de balas,
Tendo a razão do lei lado...
— Ah! aí são outras falas!
Se a terra fôr esquentando,
As leis que estavam faltando,
Elas terão que assiná-las

Que Democracia é essa
Que consente o assassinato
De um pai de família honesto,
Trabalhador e pacato?
Essa é a Democracia
De uma podre minoria.
— Esse é seu negro retrato.

Ela que assiste impassível
Teu sangue ensopando o chão,
Esse chão que conquistaste
Com o machado na mão.
E' essa Democracia
Que defende e policia
O palácio do ladrão.

Não! Essa Democracia
Meu irmão, não é a tua!
Ela pertence ao grileiro...
Esta é a verdade crua.
Ela é surda — não te escuta.
Sòmente na força bruta
Ela desaba ou recua.

Ah! quantos rios de sangue
Inda poderão correr
Por êsse Brasil imenso
Para ela reconhecer,
Que os títulos do grileiro
Sòbre a terra do posseiro
Não podem prevalecer!

Da tua união sòmente
Depende a lei que virá!
Portanto, todos unidos
Do Recife ao Paraná!
Nós não temos ilusão
De que um dia essa união
Cedo ou tarde se fará.

Ai sim, é liberdade
Tôda hora e todo dia!
Então gritaremos todos:
"Já temos Democracia!"
Qual muralha feita de aço
Cantaremos: "Braço é braço,
Agora é nossa a alegria!"

E tu, rendeiro, e parceiro,
E tú, meeiro também.
Não tens ainda uma lei
Que te produza algum bem,
Contra a ganância do dono
Da terra, que no abandono
Tua família mantém.

A lei do inquilinato
Só têm valor na cidade,
Pra quem mora em casa alheia,
Também sem propriedade.
Latifúndio só tem pressa
Por aquilo que interessa
A sua voracidade!

Mesmo lá no Parlamento
Ir contra êle é um nó.
A maioria está prêsa
A êle até o gogó.
O latifúndio ali berra,
E a lei contra êle imperra
Guardada, criando pó.

Camponês, se tu não sabes,
Lá no Congresso é assim:
Quem não é dono de terra,
E' testa de ferro enfim.
Quem não sabe, agora anote:
E' água do mesmo pote;
Cúpim do mesmo cupim.

Não há punição pra quem
Todo ano, dobra o teu fôro,
Te obriga a dar o cambão,
Quase esfolando o teu couro.
Ou senão, toma a metade
Do que é teu e por maldade
Inda te diz desafôro.

Tomam-te a meia e a têrça
Do que deu tua lavoura.
Se puder, te leva tudo:
Calça, camisa e celoura,
Mas êles ficam brincando,
Que isso vai inchando, inchando,
E um dia essa pesta estoura.

58 ←
Cambão

Eles te arrendam um quadro
De terra, sob condição
De dares cento e cinquenta
Quilos do teu algodão.
Antes do tempo aprazado
Soltam gado no roçado
Sem nenhuma explicação.

E te derrubam a casa,
Depois mandam te afrontar
Pelo capanga, que leva
Ordem de te provocar:
Se sabem que és destemido,
Escolhem certo bandido
Que deve te assassinar.

O latifúndio é um tigre
Sólto pelo descampado,
Faz crime e não é punido,
Vive de dente aguçado,
Pronto para dar o bote
Em cima do teu cangote
Pra manter-te escravizado.

Ele devora a riqueza
Que o teu trabalho produz.
E o Parlamento o que faz?
A que estrada te conduz?
O tempo deixa ir passando
E o pobre fica esperando
Arrestando a sua cruz.

O latifúndio ignora
Teu mundo de cativoiro.
Volta as vistas para fora
Admirando o estrangeiro
Que fêz a Reforma Agrária,
E diz que tu és um pária
Sem fibra de brasileiro.

Quando alguém no Parlamento
Se levanta pra falar,
Clamando que as leis pro campo
E' necessário aprovar.
— Só o silêncio responde!
E o desgraçado se esconde
Com mêdo até de apanhar.

Existem muitos projetos
Escritos a teu favor,
Que são projetos de leis
Que aprovados têm valor.
E não aprovam por que?
E' que tem jabaculé
Atrazando o lavrador.

Projeto é o que não falta.
Uns duzentos, por aí...
E desde quarenta e cinco
Que chove projeto ali.
Agora, passar não passa.
Só mesmo a fôrça da massa!...
Depende é mesmo de ti!

Se estás desorganizado
Ninguém te quer escutar.
Faz como fêz o estudante,
O operário, o militar!
Num toque de reunir
Vai à cidade exigir
O que não querem te dar.

Como fazes quando a sêca
Se abate sôbre o sertão,
E a fome braba e a sêde
Te expulsam do teu torrão.
Faz como faz o romeiro...
Mas em vez de candieiro
Leva uma foice na mão

Faz como faz o operário
Quando está desamparado,
— Que recorre à arma da greve
Deixando, tudo parado.
Faz também do mesmo jeito:
Parando tudo no peito!
— Fica de braço cruzado.

Pára o trabalho no campo,
— Deixa a cidade sem feira.
Aí a gente vai ver
O cabra na choradeira:
“Voltem para trabalhar,
Das leis que vamos votar
A de vocês é primeira!

Nas lojas dos inimigos
Da Liga e do Sindicato,
A gente não compra nada...
— Nem um “suspiro” de gato!
Eles vão criar juízo,
Que êsses tais, no prejuízo
Dão pra chiar que só rato.

Pro trabalhador braçal
A vida é muito insegura.
Enfim, tôdas as camadas
Mais pobres da agricultura,
Vivem sem leis, sem amparo,
E o latifúndio avaro
Só nadando na fartura.

O dinheiro que recebe
E' vale do barracão.
Dormindo em cama de vara
Ou numa esteira no chão.
O seu remédio ou mezinha
E' caroba, é cabacinha,
E' fedegoso, é pinhão.

Chá de cabeça de negro,
Raiz de pau com cachaça,
Não ganha salário mínimo,
Trabalha quase de graça.
Morre no cabo da enxada,
Sem terra, sem lar, sem nada,
Por mais esforço que faça.

Quando êle é acidentado
Lançando sangue no chão,
Remédio é pinto pisado
Vivo, com pena e canhão.
E o lar do trabalhador
Vira um cenário de dor
Sem nenhuma proteção,

Também exploram seu medo,
Seu atrazo e ignorância.
Enquanto o grileiro manda
No campo, com arrogância
O camponês humilhado,
Vem aguentando calado
Esse rojão desde a infância.

Não ouve falar em férias
O nosso irmão camponês.
Legislação trabalhista
Foi o diabo quem fêz.
— **O** que êle sabe é pegar,
Numa enxada, e trabalhar
De sol a sol, mês a mês.

Conhece o furto da vara
Sardinha podre, fedendo,
Sempre um engano nas contas
Que êle sai sempre perdendo.
Farinha azeda em bolão,
Também figo de alemão
E o corpo todo doendo

E o capanga lá na porta
Gritando: “desapareça!”
E êle sair por aí
Com os troços na cabeça,
Ouvindo os filhos chorando
E o desgraçado gritando:
“E nunca mais me apareça!”

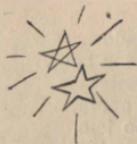
E' sair num pau-de-arara
Sem saber se volta mais
Aonde brincou na infância
Sob o carinho dos pais...
Sair por aí trepado
Esprimido, pendurado,
Como vão os animais.

Sob o facão do soldado
Que o “home” mandou baixar
O cabôclo mais valente
Morre, mas sem se curvar.
E' isto que o campo tem
Para todo homem de bem
Que não vive de explorar.

Sua aposentadoria
E' cova no cemitério.
Quando pensa em descansar
Só encontra refrigério
Na cachaça, na bebida
Que desgraça com a vida
De um pai de família sério.

E o Parlamento o que faz?
— O Parlamento tem medo.
O Parlamento é cristão
Porisso espera em segrêdo
Que a crença no campo cresça
E que o milagre aconteça
Hoje, mais tarde ou mais cedo.

Milagre que aconteceu
Na China e Cuba também.
Mas Julião tem razão
Quando fala, e fala bem,
Pois êle explica que a gente
Se organize e vá em frente
Sem esperar por ninguém!...



VII — O VOTO PARA O ANALFABETO

Vamos falar finalmente
Do voto pro analfabeto,
Vivem 70 milhões
Em nosso Brasil dileto,
Mas só têm 15 milhões
Que escolhem nas eleições
Seu partido predileto.



Metade do nosso povo
Fica sem poder votar,
Só porque analfabeto
Inda não pode apontar
O seu próprio companheiro
Ou um homem verdadeiro,
Eleito pra trabalhar.

E seriam 35
Milhões de votos caindo,
Dentro das urnas trancadas,
E um mundo novo se abrindo!
— O povo votando em massa,
E' luz caindo na praça
Da Liberdade surgindo!

Não há maior injustiça
Do que esta de se negar
O voto ao analfabeto.
Para depois vir falar
Em povo, em Democracia,
Em poder da maioria...
— Francamente é de lascar!

Se pagas o mesmo impôsto
Como qualquer cidadão,
Levando o país nas costas
Dando lucro ao tubarão.
Porque não podes votar?
E' que se alguém vai falar
O latifúndio diz: Não!

E na Constituição
Do Brasil está escrito
Que analfabeto não vota.
Me digam: Isso é bonito?...
Se o pobre não sabe ler
Só o rico vai poder
Lá no Congresso dar grito.

Porisso a Democracia
No Brasil, vai de muleta:
Se ampara no latifúndio,
Proteje o seu espoleta.
Dizer que ela é maioria
E' pura demagogia,
Safadeza, engôdo, pêta.

Não é govêrno do povo
Porque o povo é maioria.
E a maioria não vota
Em nossa Democracia(?).
Portanto, chega de abuso.
Pobre não é parafuso
Que anda acochado e não chia.

E' necessário emendar
Nossa Constituição.
Se analfabeto não vota
A quem ela serve então?
Temos pois, que reclamar
O direito de votar
Para analfabeto ou não.

Mas isto só se consegue
Com o povo organizado:
Operário e camponês,
E marinheiro e soldado...
Todo aquêlo que deseja,
Que o Brasil um dia seja
Da miséria libertado.

De cada cem camponêses,
Sômente cinco conseguem
Escrivinhar o seu nome,
E por mais que eles se entreguem
À tarefa de aprender,
Só bem poucos sabem ler,
Mesmo que a tanto se apeguem.

O operário anda melhor,
Não vive tão atrasado.
E isto, é somente porque
Vive mais organizado.
Portanto se o lavrador
Quizer também ter valor
Tem que marchar irmanado.

Se o país não tem escola
Para te ensinar a ler,
Esta culpa não te cabe,
E aprende o que eu vou dizer:
E' um dever da nação
Dar direito ao cidadão
A votar e se eleger.

Que tenha o analfabeto
Seu título de eleitor.
Para votar em quem seja
Um firme batalhador
Da causa dos oprimidos
Caçados pelos bandidos
Do latifúndio opressor.

Deves reclamar na Liga
Na praça, no Sindicato,
Uma Constituição
Que te defenda de fato.
Pra ser a Democracia,
Vontade da maioria
E não um saco de gato.

Em muitos países hoje,
Isto já aconteceu.
— Onde o povo usou seu voto
E a liberdade nasceu,
Que através das eleições
E' o clamor das multidões
Por toda parte cresceu.

Camponês dêste Brasil,
Que vives no sofrimento!
Com teu voto mudarás
A face do Parlamento.
O voto é tua esperança
Como estrêla de bonança
Brilhando no firmamento.

Lá, os projetos de leis
Que vivem engavetados,
Pela força do teu voto
Seriam logo aprovados.
Com teu voto o Parlamento
Mudaria o pensamento
Dos homens mais atrasados.

“Com teu voto, o latifúndio
Perderia o esporão.
Em vez de galo de briga
Passaria a ser capão”.
— Teu voto é pobre cantando
Para as escolas marchando
Com a cartilha na mão.

Cubram-se os campos de flôres
Para o teu filho colher!
Onde os louros gira-sóis
Sejam um amanhecer
De pétalas, de corolas,
Iluminando as escolas
Do povo aprendendo a ler.

Uma lei humana e justa
Para o homem da lavoura.
Conquistada pelo voto,
Não com banhos de erva-moura.
O voto está demorando
E a terra está esquentando
Um dia essa peste estoura.

O Sindicato Rural
Do teu voto nasceria,
Porque pelo Sindicato
Todo o campo votaria.
E a terra que interessasse
O camponês como classe
A desapropriaria.

Tal como noutros países,
Tôda terra indenizada
Seria paga com títulos
De maneira controlada.
Para evitar que os ladrões
Aos receber os milhões
Fujam levando a bolada.

Com o teu voto viria
Uma lei para o posseiro
Defender-se da ganância
Do bandido do grileiro,
Ou do latifundiário
Que mandasse o seu sicário
Assassinar o foreiro.

E também com o teu voto
Se acabaria o cambão.
Também a meia e a terça
E o vale-do-barracão.
Não viverias de tanga,
Se acabaria o capanga,
A vara e a sujeição.

Tôda forma de opressão
No campo se acabaria.
Não tens repouso, sossêgo,
Nem sono, nem alegria! . . .
Se tu pudesses votar,
Isso tudo ia acabar
Assim, da noite pro dia.

E logo a Reforma Agrária
Com teu voto se faria.
E menos gente no campo
Nesta luta morreria.
Pois os homens do poder
Não sentem ninguém sofrer
Nesta vida de agonia.

Há séculos corre sangue
E certo mais correrá.
Mas um dia o latifúndio
Da Terra se extinguirá.
No campo, tôda pobreza
Então, com tôda certeza,
De alegria cantará.

Se votasses, o Congresso
Te daria outro respeito.
Pois as leis que te valessem
Tu votarias no peito.
Se tivesses maioria,
Todo mundo aprovaria
Pois não teria outro jeito.

E nas casas do Congresso
Terias outro valor.
No palácio do prefeito
E no do governador.
E terias no Alvorada
Tua queixa registrada,
Quando fosses eleitor.

Se o analfabeto não vota
O que será da nação?
Ele unido é maioria
Mas sem leis nem proteção.
Só resta, pois conquistar
O direito de votar
Com a força da união.

Avante, pois, conquistemos
O direito de falar.
Até sermos maioria
Disposta para marchar
Em direção à cidade
Exigindo a liberdade
Pro analfabeto votar.

Quando fôrmos multidão
Per cima da minoria,
Veremos que o latifúndio
Sem espoleta não pia.
Portanto vamos lutar
Pra que possamos criar
A nossa democracia.

Mas enquanto não tivermos
Esse direito sagrado,
Mesmo faminto e cansado
Toma a carta de ABC
E pede a quem sabe ler
Pra te ensinar a escrever
Teu nome bem desenhado.

O teu sacrifício é grande
Mas caro irmão, eu te digo:
Quando fôres eleitor
Ninguém poderá contigo.
Pois teus votos aos milhões
Ganharão as eleições
Na frente, não tem castigo.

O título de eleitor
É uma necessidade
Para abrires o caminho
Da tua felicidade.
É um passo para a frente
Em busca do sol fulgente
Que se chama Liberdade!

Será o sol despontando
Para o futuro que é teu!
Sai gritando aos teus irmãos:
"O nosso dia nasceu!
Irmão, é nossa a alvorada
E a terra tôda enfeitada
De alegria floresceu!"

"A luz invadiu os campos!
A madrugada chegou!
A chama da Liberdade
Pela terra se espalhou.
É a mãe dos oprimidos
Que escutando os seus gemidos
Sobre os seus lares baixou".

Camponês, meu bom amigo,
Abre o teu lar com carinho,
E deixa que a luz penetre
Dentro dêle, de mansinho...
É a luz da liberdade...
Qual uma mãe de bondade
Procurando o seu filhinho".

"Venham todos os famintos
Fitar a face da luz!
Podemos ver os caminhos
Que à Liberdade conduz!
O campo se libertando!
A Liberdade chegando
Na Terra de Santa Cruz!"

Êste modesto trabalho
Pertence a ti, meu irmão.
Foi o que eu pude extrair
Da carta de Julião,
Esta carta de alforria
É tua luz, é teu guia,
É tua libertação!

4960

A SEGUIR:

“O INFERNO DO MUNDO”

de Mário Galvão

Uma história estranha e violenta vivida por um homem que há vinte anos relutava em publicá-la e que mereceu de Leonardo Arroio, em 1940, após longo e acurado estudo sôbre a obra e a personalidade do autor, as seguintes palavras: “Finda a leitura dêste livro tem-se a impressão de que nos chafurdamos num imenso lodaçal e dêle saímos limpos, resplandcentes. Explica-se êste paradoxo com o axioma de que a arte é sentimento”.

SNB